



NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. **Metateatralidade, inacabamento, história e dramaturgia: possíveis conclusões de uma pesquisa**. Rio de Janeiro: UNIRIO. UFOP; Professor Adjunto. Iluminador Cênico.

RESUMO

A presente comunicação configura-se como uma apresentação dos resultados finais do doutorado intitulado “Luigi Pirandello e Jorge Andrade entre o texto e a cena: a metateatralidade como espelho de nossa formação estético cultural moderna”, defendido em 2011, sob orientação da Profa. Dra. Beti Rabetti e com apoios do CNPq e CAPES. Selecionou-se partes das análises dramáticas das obras metateatrais de Luigi Pirandello e Jorge Andrade, previstas na pesquisa. A proposta de análise assumiu a pertinência da (inter)relação dramaturgia e história buscando-se internamente nas obras seus elementos históricos e políticos externos. Para tal, a análise fundou-se na hipótese de que a metateatralidade das obras em questão abarca em si um inacabamento que é, na verdade, um ato histórico e político.

PALAVRAS-CHAVE: Metateatralidade: Dramaturgia e história: Formação cultural: Luigi Pirandello: Jorge Andrade.

ABSTRACT

This communication sets out as a presentation of the final results of the doctorate untitled “Luigi Pirandello and Jorge Andrade between the text and the scene: the metatheatricality as a mirror of our modern cultural esthetic formation” defended in 2011, oriented by Professor PhD Beti Rabetti with the support of CNPq and CAPES. Parts of dramaturgical analyses of the metatheatricality works of Luigi Pirandello and Jorge Andrade were selected for this work. The proposal of the analyses was took over by the need of the (inter)relationship dramaturgy-history seeking internally, external historic and politic elements. For so, the analyses founded in the hypothesis that the metatheatricality of the works at issue have in themselves an unfinished state, which in fact is an historic and political act.

KEY-WORDS: Metatheatricality: Dramaturgy and history: Cultural Formation: Luigi Pirandello: Jorge Andrade.

A presente comunicação configura-se como uma apresentação dos resultados finais do doutorado intitulado “Luigi Pirandello e Jorge Andrade entre o texto e a cena: a metateatralidade como espelho de nossa formação estético cultural moderna”, defendido em 2011, na UNIRIO, sob orientação da Profa. Dra. Beti Rabetti e com apoios do CNPq e CAPES. Selecionou-se partes das análises dramáticas das obras metateatrais de Luigi Pirandello e Jorge Andrade, previstas na pesquisa.

Desta feita, para o presente trabalho, a História – como horizonte reflexivo e de pesquisa – fez-se elemento primordial, mas não tratando-se de realizar uma análise dramática subordinada à história. Em se tratando de um estudo que emparelhou história e dramaturgia, a história entrou como apoio e fim da análise dramática, afinal, acreditamos que como o contexto histórico nos ajuda na compreensão de um determinado autor teatral, a análise deste autor

teatral nos ajuda a compreender a história, tanto passada quanto presente. Se é fato a importância da história, como base e fim, o que fizemos foi uma análise procurando internamente fatores externos.

Tal busca, feita a partir de um olhar histórico interessado, nos levou a questionar a pertinência histórica e política de obras dramáticas que, nascidas em momentos de restrições político ideológicas a partir da instauração de Estados Totalitários erigidos em forte aparato coercitivo e de controle, encontraram-se inacabadas, como *Os gigantes da montanha*, ou que não foram encenadas, como as de Jorge Andrade. A hipótese central que motivou a escolha das obras foi a de que há na estrutura metateatral de cada uma indicativos do que chamamos de um “gesto de inacabamento”, que levantou-se em seus respectivos momentos históricos e políticos (e continua a levantar-se), na medida das condições individuais de cada autor, como um gesto de resistência aos tais regimes totalitários de extrema-direita: a ditadura fascista na Itália e a ditadura militar no Brasil.

Ainda no âmbito metodológico, a história relacionou-se com a dramaturgia de duas formas diversas, e cada uma dessas formas diz respeito a um respectivo objeto. No caso de Jorge Andrade, a relação é direta e escancarada, sua obra relaciona-se de forma aberta com a história, revelando um interesse historiográfico do autor. Aqui, o conhecimento histórico é de extrema importância; obviamente, deve carregar-se do cuidado de não considerar a obra dramática como puro texto historiográfico, nem mesmo apenas documento histórico, e sim como obra estética que: se tem valor sim a partir do seu debruçar-se sobre a história, e como história, deve tê-lo também para além dela. No caso de Pirandello, se sua obra não se debruça de forma direta sobre a história, estabelece com ela uma relação num outro nível: um primeiro, mais óbvio, o da contextualização; e um segundo, interpretativo, num nível crítico ideológico. Portanto, oposto ao caso de Jorge Andrade, o cuidado deve ser o inverso, ou seja, o de não se considerar sua obra ausente de história e, até mesmo, fora da história.

Lendo atentamente a definição pirandelliana de Humorismo, verificamos como o autor analisa a relação do produto estético formal (a obra) e a matéria histórica que o engendra, propondo uma estética que, dialeticamente, não simplesmente incorporando os contornos no momento histórico com o qual dialoga, gera uma imagem crítica da realidade em que está inserida. O Humorismo, como proposta estética, configurar-se-ia num “espelho crítico” da modernidade, seu momento histórico.

A definição central do Humorismo é a de “sentimento do contrário”, ou seja, trata-se de um sentimento dialético íntimo do artista em relação à realidade vivida, observada e representada por ele artisticamente. O que ocorre em termos formais é uma relação dialética muito particular entre a razão do artista, capaz de perceber e reproduzir o mundo, e um sentimento mais sutil e profundo, capaz de revelar as realidades ocultas na percepção racional. Trata-se, o Humorismo, de uma representação totalizante da relação do artista com a realidade objetivada como forma; de um complexo subjetivo relacionando-se com uma objetividade externa, gerando uma obra, ou seja, uma relação que só

tem sentido se expressa numa forma estética que internalize tal complexidade. A reflexão aqui colocada se resume exatamente em uma noção de obra artística como espelhamento de uma realidade, porém não como cópia desta nem como a simples recriação da realidade nas fronteiras da verossimilhança, mas sim percebida, compreendida e julgada pela subjetividade do artista; ao mesmo tempo em que a própria subjetividade do artista é constantemente confrontada com a realidade social em que está inserida. O mesmo mecanismo transpõe-se para o espectador, que é capaz de percebê-lo também nessa complexidade dialética.

Em Jorge Andrade, a noção de Memória nos pareceu chave para compreender seus processos de produção artísticos e as relações de sua obra com seu meio e sua história. Nos saltou aos olhos o fato de que, quanto mais a realidade presente do autor se lhe tornava pertinente como matéria artística, mais sua obra mergulhava tematicamente na história passada, ao mesmo tempo em que formalmente, se radicalizava em experimentos metateatrais. A memória individual de Jorge segue um fluxo em direção à memória de seu espaço de infância – como um espaço que se perdeu –, encontra-se com a memória familiar e por fim se coletiviza. Uma outra memória coletiva, social, que se amplia para todo um espaço, para as classes ligadas a esse espaço e que com ele desapareceram da história do Brasil. Numa outra etapa ela se amplia a novos contatos de memória no mundo urbano. Ao contrário do que deveria ser o óbvio, a memória de Jorge Andrade avança para o passado.

Deste breve panorama, aqui apenas esboçado, podemos afirmar que no caso das obras em questão, a metateatralidade não é apenas “um traço” estilístico, ela é assumida como forma e questão, elevando-se a níveis formais explícitos no sentido de transformar o próprio “motor” de modernização da dramaturgia em dramaturgia. É uma forma artística de diálogo crítico com o mundo.

No caso de Pirandello, a resistência histórica em relação à forma clássica torna-se a própria obra, o que significa dizer que a metateatralidade de Pirandello é a expressão formal da impossibilidade do drama, como nos mostrou Szondi (2001). Desta feita, a metateatralidade em Pirandello apresenta-se de forma escancarada e realiza-se na sua radicalização enquanto impossibilidade. No caso de *Seis personagens*, claramente trata-se do fazer teatral como assunto de uma peça teatral: um grupo de teatro ensaia num *palco* que é o mesmo palco em que a peça é representada; os atores representam *atores* ensaiando; as *personagens*, reais personagens concretizadas diretamente da imaginação do autor, são atores representando as *personagens*; o público apenas assiste a representação do ensaio que ocorre no teatro vazio, portanto, permanece no escuro, em silêncio.

Em *Os gigantes*, o teatro, assunto da peça, não ocorre mais dentro do edifício teatral com sua estrutura técnica e nem com a plateia presente. O teatro a que Pirandello se refere encontra-se num caminho de retorno à sua matéria-prima essencial: a imaginação. É um teatro de pura imaginação, que ocorre num nível extra corpóreo, livre das suas amarras fundamentais, a concretude da realidade, expressas no próprio aparato técnico e no público. Esse embate é o tema da peça: a impossibilidade de realização da representação cênica em sua

plenitude – liberta do peso da realidade com seu aparato técnico e seu público – *versus* o desejo/necessidade de sua realização em tal atrelamento.

Entre a metateatralidade de *Seis personagens* e *Os gigantes*, há em comum uma profunda reflexão sobre as impossibilidades da realização cênica posta no sentido da impossibilidade de um encontro perfeito entre a encenação imaginada e sua realização concreta, ou seja, entre fantasia e realidade. Porém, no caso da primeira, esse embate permanece no interior do próprio fazer teatral, é um embate que se dá entre a imaginação do dramaturgo e o trabalho de concretizá-la realizado pelo diretor e pelos atores. Já no caso da segunda peça, esse embate amplia-se para fora da sala de ensaio e coloca-se entre as expectativas e a capacidade imaginativa do público *versus* as potencialidades da fantasia poética da representação cênica. Esse movimento encontra-se relacionado, mesmo que em mão invertida, com o movimento ideológico de renovação modernista do teatro italiano, e mundial, nos primeiros trinta anos do século XX, presentes na ideologia de “formação teatral moderna”, ligada aos processos históricos de consolidação do estado democrático. Se o movimento natural impõe-se no sentido do surgimento e consolidação do diretor teatral, encenador, como senhor centralizador da criação cênica – num primeiro momento ainda apoiado pelo texto e posteriormente, inclusive, negando-o – a trajetória da metateatralidade pirandelliana caminha no sentido inverso, como se pode atestar pela caracterização das figuras do diretor/ator/poeta em cada uma das peças. Porém, tal movimento não se dá de forma fluida, mas com vários impedimentos ideológicos tanto do autor como históricos.

Em Jorge Andrade, a metateatralidade também se encontra em níveis diversos nas duas peças. Em *As confrarias* ela configura-se num plano paralelo. A peça trata de uma mãe, Marta, que procura enterrar o filho morto, que não pode ser enterrado por ser um ator. Aqui aparece o primeiro nível de metateatralidade, o teatro falando diretamente de aspectos da história do ator. Outro nível metateatral se dá no que poderíamos chamar de nível ideológico da peça: na tentativa de enterrar o filho, Marta relembra sua história com o marido Sebastião e com o filho José, nestes momentos a peça encena *flashbacks* da vida do filho/ator encenando suas peças. Aqui realiza-se minuciosa escolha de trechos de peças da dramaturgia universal com forte sentido ideológico, ou seja, utiliza-se das palavras de outros autores na boca das personagens representadas pelo personagem/ator José para nos transmitir a mensagem ideológica da peça, portanto, do autor Jorge Andrade. Ao fazê-lo desta forma, Jorge não deixa de nos dar outra mensagem, o da força do teatro como instrumento de disseminação de uma ideia. Trata-se aqui da metateatralidade como intertextualidade.

Já em *O sumidouro* a metateatralidade se dá via a personagem Vicente, um dramaturgo. A peça trata da busca deste dramaturgo pelo seu trabalho. Uma noite com Vicente dentro de seu escritório nos apresenta os processos de realização da dramaturgia de uma peça teatral. No interior da mente do dramaturgo, em embate com a personagem de sua peça a ser escrita – Fernão Dias, bandeirante, personagem da história brasileira –, vivenciamos a procura do dramaturgo no seu processo de criação; a referida procura, que se

desenrola no íntimo do dramaturgo/personagem Vicente, é a procura de uma “verdade” histórica. A personagem histórica Fernão Dias, apresentada como um dos heróis bandeirantes do desbravamento paulista, é posta em cheque em sua representação oficial. No jogo metateatral, a procura de uma “verdade” histórica por Vicente confunde-se com a procura da verdade sobre o homem/personagem Fernão Dias, que por sua vez, não deixa de ser a procura pela matéria dramatúrgica de Jorge Andrade. Porém, nessa espiral que se lança para dentro de si mesmo, a peça de Vicente não se concretiza, permanece no íntimo da personagem/dramaturgo, restando apenas uma frase lançada no papel em branco “Procurar... procurar... procurar... que mais poderia ter feito...?” (Andrade, 2007: 594).

Concluindo rapidamente, o que a metateatralidade de ambos nos revelou nas análises foi uma inadequação histórica e ideológica de ambos ao momento político em que seus respectivos países encontravam-se e esta inadequação concretizou-se em atos de incabamento dos mesmos como autores: Pirandello ao não finalizar *Os gigantes* e Jorge Andrade ao produzir propositalmente duas obras para não serem encenadas. Tal percepção nos levou à hipótese de que tais atos configuraram-se formalmente nas próprias obras, e que a estrutura metateatral das mesmas era portanto essa configuração. Ou seja, tal encontro nos levou àquilo que tornou-se a tese fundamental da pesquisa: de que a metateatralidade é, nas obras em questão, uma estrutura que abarca em si um incabamento que é, na verdade, muito mais do que apenas uma configuração estilística, um ato histórico e político.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Jorge. **Marta, a árvore e o relógio**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- PIRANDELLO, Luigi. **Os gigantes da montanha**. Trad. Beti Rabetti. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.
- _____. **Seis personagens em busca de um autor; Esta noite se improvisa; Cada um a seu modo**, in GUINSBURG, Jacó. **Pirandello: do teatro no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SZONDI, Peter. **Teoria do drama moderno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.